

“Me Odeie, que Eu Te Odeio de Volta”: Dimensões Relacionais e de Reversibilidade da Xenofobia

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.196.5>

Antonio Carlos Fausto da Silva Júnior

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8836-9309>
antoniofaustojr@gmail.com

Carlos Alberto de Carvalho

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8433-8794>
carloscarvalho0209@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre as dimensões relacionais e de reversibilidade da xenofobia, entendendo tal dinâmica como assentada na lógica de mútuo desprezo de uma nacionalidade sobre outra, tanto nas relações que se dão em co-presença, quanto no preconceito que pode se manifestar mesmo fora de relações interpessoais. A partir de notícias e de produtos assentados nas lógicas do humor derogatório (Araujo & Gois, 2022), analisamos problemas que envolvem pessoas brasileiras e portuguesas, duas nacionalidades que mantêm relações seculares desde a colonização portuguesa das terras brasileiras, nem sempre pautadas pela amabilidade de parte a parte. Essas relações se tornaram mais complexas nos últimos anos, face ao considerável fluxo migratório de pessoas do Brasil para Portugal, evidenciando práticas xenófobas. Entendemos que a xenofobia promove desumanização e ódio, que se agravam quando se somam a eles outros preconceitos que outrificam, como o racismo (Cabecinhas, 2008), a misoginia, a LGBTQIAPN+fobia, o ódio religioso e outras modalidades de depreciação. Como consequência, a xenofobia constitui um grande desafio à promoção de direitos humanos.

Palavras-chave

Xenofobia, migração, reversibilidade, humor derogatório

Introdução

No primeiro semestre de 2025, circularam pelas redes sociais vários *memes* sugerindo Portugal como uma colônia brasileira, por meio de denominações como “Pernambuco em Pé”, “Porto de Gajinhas”, “Vitória da Reconquista” e a que ficou mais famosa dentre todas, “Guiana Brasileira”. O estopim para tal fluxo memético teria sido a “fala, galera” dita pela jogadora portuguesa Kika Nazareth em um vídeo de anúncio da contratação dela pelo Barcelona.

Apesar de a palavra “galera” ter origem nas ciências náuticas, para designar os navios de vela utilizados nas navegações europeias, inclusive aqueles retratados em livros didáticos para ilustrar a chegada portuguesa às terras brasileiras em 1500, é no Brasil que é utilizada com o sentido referido por Kika Nazareth, o de coletividade, em alusão às pessoas parceiras, “marinheiras do mesmo barco” (Cardim, 2025).

A fala da jogadora desapontou setores conservadores portugueses, que enxergaram no idioma *brasileiro* um risco para o português falado em Portugal e para a própria identidade portuguesa (ver Braun, 2024), como já discutido por Carvalho et al. (2014), e causou certo alvoroço no Brasil. Daí surgiram os *memes* sobre a suposta *reparação histórica* e a *colonização reversa* de Portugal pelo Brasil, em fluxo verbovisual que incluiu a criação de uma bandeira para a “Guiana Brasileira” e até mesmo uma alteração no verbete “Portugal” na Wikipedia, logo corrigida pela plataforma (Corsini, 2025).

Tais denominações meméticas atribuídas a Portugal surgiram da adaptação tanto de nomes de localidades, principalmente brasileiras, quanto de expressões constituintes do português falado em Portugal, a exemplo de “Belém do Pralá” e “Faixa de Gajos”. A mais famosa delas, “Guiana Brasileira”, faz referência direta ao *status* de colônia atribuído, na *brincadeira*, a Portugal, devido ao processo de formação histórica das – outrora – três Guianas sul-americanas: o Suriname, antiga Guiana Holandesa; a Guiana, antiga Guiana Inglesa, e a Guiana (ainda) Francesa.

“Brincadeira”, no entanto, a reverberar e reforçar históricas tensões geopolíticas, inclusive a xenofobia (Cardim, 2025), e capaz de tornar ainda mais delicada a situação de pessoas brasileiras residentes em Portugal, que viram disparar os casos de violência xenófoba nos últimos anos. Segundo dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (2024), de Portugal, pouco mais de 1 milhão de pessoas de outras nacionalidades residiam legalmente no país em 2023, número que representava um aumento de cerca de 33% em relação a 2022. O Brasil correspondia então à maior comunidade estrangeira, cerca de 35%, equivalente a pouco mais de 368 mil pessoas. No entanto, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil estima que, atualmente, há cerca de 700 mil pessoas brasileiras em Portugal, considerando os pedidos de residência pendentes e as situações de dupla nacionalidade.

O aumento no número de pessoas brasileiras em Portugal correspondeu ao aumento dos casos de xenofobia contra pessoas oriundas do Brasil. Segundo dados da

Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial, de Portugal, divulgados em abril de 2025 pela *DW Brasil*, houve uma alta de 145% no número de queixas de xenofobia contra pessoas brasileiras no país entre 2018 e 2021. Naquele ano, foram registradas 45 queixas; três anos depois, o número de registros do gênero subiu para 109. De acordo com a *DW*, os “casos vão desde situações veladas, como dificuldade em alugar um apartamento, conseguir trabalho ou acessar serviços de saúde, por exemplo, até pedidos para falar inglês em vez do português brasileiro, até ofensas explícitas e agressões” (Moura et al., 2025, para. 4).

Tais ofensas e agressões vêm sendo replicadas em *memes*, nas redes sociais, com maior ou menor sutileza, a depender do contexto e da intencionalidade, e não apenas da parte de pessoas portuguesas, mas também de brasileiras, a ponto de Brasil e Portugal terem protagonizado um episódio que ficou conhecido como a “Primeira Guerra Memeal”, em 2016 (Rafael Polêmico, s.d.). Isso aponta para a existência das dimensões relacionais e de reversibilidade – ou seja, da dimensão comunicacional – da xenofobia, que tem sido instrumentalizada por partidos de extrema-direita em todo o mundo, inclusive no Brasil e em Portugal, com o objetivo de barganhar votos e capital político.

Nosso intuito neste artigo é utilizar *memes* como referência, em conjunto com coberturas jornalísticas e programas de humor, para discutir esse caráter comunicacional – porque relacional – da violência xenófoba de pessoas brasileiras para com portuguesas e vice-versa. Trabalhamos com a hipótese de que há um processo de retroalimentação entre o espaço público midiático e o espaço público concreto, no qual a violência simbólica tende a banalizar e justificar a violência física contra pessoas minorizadas, como migrantes.

Breve Nota Metodológica

Para a elaboração deste artigo, lançamos mão de dupla observação de fenômenos comunicacionais, situados em temporalidades dispersas, assim como pertencentes a categorias midiáticas distintas, com estruturas e conteúdos diferenciados e, por isso, sem a pretensão de estabelecer comparações diretas entre si. A primeira categoria midiática tem em comum o campo do humor derrogatório e, nela, olhamos para uma personagem televisiva: Manuela D’Além Mar, aluna portuguesa, que compunha a turma de estudantes em um antigo programa exibido na televisão aberta brasileira, pela emissora Globo, chamado de *Escolinha do Professor Raimundo*.

Segundo o projeto *Memória Globo*, a *Escolinha* foi exibida em momentos distintos nos anos 1990 e no início dos anos 2000¹, sob o comando do humorista Chico Anysio, que interpretava o professor de uma turma de estudantes, personagens que, sem exceção, correspondiam a algum estereótipo racial, regional, de gênero, de classe e outras simplificações socioculturais. A personagem Manuela D’Além Mar, interpretada pela

1 Outras informações estão disponíveis em Memória Globo (2021).

atriz Berta Loran², correspondia ao estereótipo de uma mulher portuguesa “típica”, com destaque para características de baixa inteligência. Ainda na esfera do humor, observamos uma série de *memes* que circularam na internet e em plataformas sociais, especialmente no início de 2025, tendo como mote gozações sobre Portugal e suas gentes.

A outra categoria midiática é composta por notícias que narram episódios de xenofobia contra pessoas brasileiras vivendo em Portugal, publicadas em jornais online do Brasil e de Portugal. As notícias foram coletadas entre 2024 e 2025, no âmbito da pesquisa de pós-doutoramento intitulada “Racismo, Xenofobia e Preconceitos Conexos nas Audioverbovisualidades do Jornalismo Brasileiro”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo primeiro autor deste texto, sob supervisão do segundo autor. Não foi realizada, portanto, uma coleta específica sobre a cobertura de casos de xenofobia contra pessoas brasileiras vivendo em Portugal, mas selecionadas aquelas notícias que, em um universo mais amplo de relatos de xenofobia, migrações e problemas conexos, atendiam aos requisitos para a escrita deste artigo. Também recorremos a narrativas jornalísticas para a obtenção de dados estatísticos sobre a xenofobia contra pessoas brasileiras em Portugal, bem como consultamos sites de partidos políticos e de organizações governamentais e não governamentais para contextualizar as discussões empreendidas.

Como parte da metodologia, adotamos o princípio ético de não reproduzirmos as imagens e/ou textos integrais, que caracterizamos como portadores de matiz xenófobo, trazendo-os apenas com dados contextuais que permitam categorizá-los como parte de discursos típicos das lógicas da xenofobia. Consideramos que as ciências, no intuito de produzir conhecimentos, podem ser parte das redes de violências, como aquelas que são próprias da xenofobia e suas dinâmicas de outrificação desumanizadora, o que se configuraria caso reproduzíssemos piadas ou *memes* depreciativos de pessoas portuguesas ou trechos de notícias que detalham violências físicas e/ou simbólicas derivadas de ataques motivados por ódio xenófobo contra pessoas brasileiras desferidos por pessoas portuguesas.

Xenofobia: Espaço e Reversibilidade em Memes

Definida como o medo do estrangeiro (Albuquerque, 2016), a xenofobia envolve relações mais complexas, que, sem excluir este sentido mais corrente, inclui a escolha de uma pessoa – ou de um grupo de pessoas – como inimiga e considerada inferior (Chelius, 2021), estabelecendo lógicas de outrificação nas quais o “nós *versus* elas” nega a possibilidade de reconhecimento da alteridade e da humanidade alheia. Como consequência, a xenofobia promove a desumanização e o ódio, que se agravam quando a eles se somam outros preconceitos que outrificam, como o

² Atriz polonesa-brasileira, de origem judaica, morta aos 99 anos em 2025, Berta Loran atuou no teatro, no cinema e na televisão, no Brasil, e em teatro na Argentina e em Portugal.

racismo (Cabecinhas, 2008), a misoginia, a LGBTQIAPN+fobia³, o ódio religioso e outras modalidades de depreciação.

Os aumentos dos fluxos migratórios globais, motivados por perseguições diversas, guerras, fome, alterações climáticas e outras mazelas, mas também pela busca de melhores condições de vida, têm agravado as consequências da xenofobia, com contribuições decisivas do crescimento da extrema-direita em todo o mundo (Ribeiro & Pereira, 2019). Dentre os países falantes prioritários da língua portuguesa, destaca-se o já mencionado aumento de migrações de pessoas do Brasil para Portugal, que tem como consequência o aumento de denúncias de xenofobia sofridas por pessoas brasileiras nesse país europeu (Maurício, 2023). Tomamos como referência as dinâmicas migratórias do Brasil para Portugal e vice-versa, a fim de pensar as dimensões relacionais e de reversibilidade da xenofobia.

Os dados apresentados até aqui neste artigo, somados às discussões que se seguem, nos levam a propor que a xenofobia carrega consigo dimensões relacionais e de reversibilidade. Pela perspectiva relacional e de reversibilidade da xenofobia, a nacionalidade que outrifica também é passível de ser outrificada e desumanizada, indicando um caminho em dupla via, e não exclusivamente unidirecional. Desse modo, se A deprecia B por ser uma pessoa estrangeira no país de A, B tenderá também a depreciar A, se A for uma pessoa estrangeira no país de B. Embora as consequências e manifestações da xenofobia tenham merecido sobretudo pesquisas que privilegiam as interações em co-presença, consideramos, a partir das dinâmicas do humor interrogatório, que é importante destacar que a xenofobia pode ser culturalmente construída sem a necessidade de interações face a face, como se verifica, nas discussões aqui empreendidas, nas piadas brasileiras que depreciam pessoas portuguesas. Nesse sentido, muitas pessoas que no Brasil reproduzem piadas depreciativas sobre pessoas portuguesas jamais estiveram em co-presença com elas. Lamentavelmente, tendemos a ser ignorantes quanto às dinâmicas relacionais, portanto reversíveis, da xenofobia, ignorância que, se superada, poderia ser a chave para o fim dos ódios xenófobos.

Para verificar as dimensões relacionais e de reversibilidade da xenofobia, tomaremos, como explicado na metodologia, noticiários que relatam denúncias de xenofobia sofridas por pessoas brasileiras em Portugal e a prática brasileira de fazer piadas depreciativas sobre pessoas portuguesas (Machado, 2018) a partir de *memes* de internet e de programas humorísticos veiculados na televisão aberta brasileira.

Entendemos que tais situações permitem ver a xenofobia em suas dimensões relacionais e de reversibilidade, posto que a distinção entre as pessoas de diferentes nacionalidades se baseiam no estabelecimento de fronteiras, da ordem tanto da geopolítica quanto do simbólico, a resultarem do processo que Achille Mbembe

3 A sigla, que visa abarcar o maior número possível de pessoas não conformes às normas de gênero heterossexuais, faz referências a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, trans, queers, intersexos, assexuais, pansexuais e não binárias, com o + indicando outras possíveis expressões de gênero. A LGBTQIAPN+fobia, portanto, designa ódio, desprezo e outras estratégias que outrificam e desumanizam as pessoas incluídas na sigla.

(2020/2021) designa de “brutalismo”, ou seja, o “processo pelo qual o poder, enquanto força geomórfica, doravante se constitui, se exprime, se reconfigura, age e se reproduz pela fracturação e pela fissuração” (p. 10).

O brutalismo também tem, na extração, uma das principais engrenagens, junto com a fracturação e a fissuração. Extração não apenas de recursos naturais, mas também da humanidade de determinados grupos de pessoas. Inclusive de migrantes.

Às lógicas de fracturação e de fissuração acrescenta-se desde logo as de exaustão e de esgotamento. Também aqui, as fracturas, as fissuras e o esgotamento não dizem apenas respeito a recursos, mas a corpos vivos, expostos à exaustão e a todo tipo de ameaças biológicas, muitas vezes invisíveis (intoxicação aguda, cancro, defeitos congênitos, distúrbios neurológicos e hormonais). Reduzido a uma camada e a uma superfície, é o conjunto do vivo que sofre ameaças sísmicas. É esta dialéctica da demolição e da “criação destrutiva”, que tanto tem por alvo os corpos, os nervos, o sangue e o cérebro dos humanos quanto as entranhas do tempo e da Terra, que está no cerne das reflexões que se seguem. Brutalismo é o nome que atribuímos ao gigantesco processo de eliminação e de evacuação, mas também de esvaziamento de vasos e de despejo de substâncias orgânicas. (Mbembe, 2020/2021, pp. 10–11)

Se recorrermos à metáfora das placas tectónicas, proposta por Muniz Sodré (2014), para pensar os processos comunicacionais, podemos falar, inclusive, em dinâmicas comunicacionais da xenofobia: “É aceitável a metáfora das ‘placas’ para apresentar o conceito [de comunicação]: a comunicação seria o conjunto das placas tectónicas sob a superfície do comum. Elas, como suas congêneres geológicas, são essenciais, mas não eternas em constituição ou alinhamento” (Sodré, 2014, p. 16). Neste texto, trabalhamos também com a hipótese de que tais dinâmicas de alinhamento e de desalinhamento dessas placas refletem dinâmicas históricas que fazem, de tais processos geológicos, processos também geopolíticos, a ditarem a instituição e a derrubada de fronteiras geográficas e simbólicas:

no Norte [Global], em especial, as velhas pulsões imperialistas aliam-se agora à nostalgia e à melancolia. Assim é porque, atingido pelo cansaço moral e dominado pelo tédio, o centro se encontra irremediavelmente consumido por um desejo exacerbado de fronteira e pelo medo da queda, o que justifica os indistigáveis apelos já não à conquista enquanto tal, mas à secessão. (Mbembe, 2020/2021, p. 20)

Em termos de xenofobia, esse “medo da queda” de que fala Mbembe (2020/2021) é projetado sobre a outra pessoa, de nacionalidade distinta e, por isso, inferiorizada e convertida em ameaça; um lugar de outridade que tende a ser ocupado por pessoas brasileiras no caso ora analisado, entre Brasil e Portugal. Este país, afinal, integra o continente convertido no centro do mundo, inventado pelos europeus à época do Renascimento, que coincide com o advento da etapa histórica designada por Quijano (2009) de “colonialidade”. A mesma etapa que foi batizada pela Europa de “modernidade”:

com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemónicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico - que depois se identificarão como Europa - e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabelecem também a colonialidade e modernidade. (Quijano, 2009, p. 73)

“Modernidade” e “colonialidade” são, portanto, formas distintas de se referir ao mesmo processo, equivalentes a vê-lo a partir dos centros e das margens, respectivamente⁴, de modo que a segunda designação explica a maneira como o capitalismo passa a operar tanto nos planos materiais quanto nos planos (inter)subjetivos após a invasão das Américas (Quijano, 2009). A colonialidade equivale, assim, a uma classificação racial e étnica da população mundial: uma hierarquização entre civilização e selvageria (Quijano, 2009). Daí o medo que algumas pessoas portuguesas sentem de pessoas brasileiras e que se materializa simbolicamente e semioticamente na violência xenófoba, o que, por sua vez, explica parte do ressentimento das pessoas brasileiras para com as portuguesas, cultivado por conta do colonialismo português. Eis o caráter de reversibilidade da xenofobia.

Por quase 400 anos, o Brasil foi colônia de exploração de Portugal, o que se reflete no fato de o país ainda hoje ser um grande exportador de matéria-prima, sobretudo grãos e minérios, e pouco exportar bens industrializados. Isso explica o porquê da alusão de alguns *memes* do período da “Primeira Guerra Memeal”, entre Brasil e Portugal, a uma “devolução do ouro” brasileiro por parte do país europeu.

Insumo comunicacional das redes sociais digitais (Reyes, 2023), os *memes* têm a capacidade de condensar distintas temporalidades em um pequeno aglomerado de pixels e, dessa maneira, fazer alusão a complexos processos sócio-históricos, hoje refletidos no desalinhamento das placas tectônicas, que viabilizariam o que Sodré (2014) chama de “comum”. Restam, assim, os processos de reiteração das diferenças e de outrificação que sustentam as violências xenófobas, a exemplo do *meme* a retratar Portugal como um cão em momentos históricos distintos: como um cão forte e desbravador à época do colonialismo, nos séculos XV e XVI, e, atualmente, como um cão acuado por conta da suposta colonização de Portugal pelo Brasil por meio da língua.

Brasileiro, aliás, diz respeito não apenas à nossa nacionalidade em terras portuguesas, mas também à variante do português falada no Brasil. Isso evidencia a vontade de diferença (Hall, 1990/2013), demonstrada por pessoas portuguesas em relação às brasileiras, sobretudo em relação àquelas que fixaram residência em Portugal nos últimos anos, mas não só, pois existe o medo de perda da identidade portuguesa – e até do “emporcalhamento da língua europeia”, como relata a BBC Brasil – por conta do sucesso de *youtubers* brasileiros, a exemplo de Lucas Neto, entre crianças portuguesas (Braun, 2024).

4 “Há grande valor em definir as possibilidades de ver a partir da periferia e dos abismos” (Haraway, 2009, p. 22).

Tal inserção do idioma *brasileiro* em território português inspirou um dos *memes* mais compartilhados no primeiro semestre de 2025, no Brasil, a descrever o país europeu como “um exclave brasileiro, mais conhecido como Guiana Brasileira, rebatizado pelos novos colonizadores que chegaram a Portugal através dos dados móveis, navegando por mares nunca d’antes navegados”, numa alusão irônica aos Lusíadas de Luís Vaz de Camões” (*“Ordem e Bacalhau”*: Memes que Se Referem a Portugal Como “Guiana Brasileira” *Geram Revolta e Reacendem Debate Sobre Xenofobia*, 2025, para. 3).

Noutro *meme* brasileiro do mesmo período foi apresentada a bandeira da suposta Guiana Brasileira, onde se lê “ordem e bacalhau”, em evidente alusão ao “ordem e progresso” da bandeira brasileira, mas também ao peixe tido como tradicional ingrediente da culinária portuguesa: o bacalhau – “fel amigo” de Portugal. Uma visão, portanto, estereotipada deste país, se considerarmos estereótipos como a redução da complexidade e da diversidade humana a narrativas unilaterais e monológicas (Hall, 1990/2013). Fora da seara das redes sociais e dos *memes*, estereótipos também dão o tom da abordagem de pessoas portuguesas por programas humorísticos brasileiros feitos para a televisão aberta, tema da próxima seção deste texto.

Humor Estereotipado a Serviço da Xenofobia

O humor estereotipado tem merecido atenção teórica por suas características depreciativas, configurando atitudes derogatórias em relação a pessoas, raças ou nacionalidades (Araujo & Gois, 2022; Barbosa, 2023), como se observa, por exemplo, no racismo recreativo, manifestado em filmes, piadas ou telenovelas (Barbosa, 2023), que retratam pessoas negras em situações de inferioridade. Segundo Araujo e Gois (2022), “estudiosos intitularam [como] humor depreciativo toda a comunicação humorística que se destina a suscitar a derrogação ou depreciação de um determinado alvo” (p. 3).

No que se refere às piadas derogatórias que pessoas brasileiras criam sobre pessoas portuguesas, estereotipadas, invariavelmente, como de pouca inteligência, Igor José de Renó Machado (2018) situa a emergência do fenômeno no século XIX, momento em que as tensões levaram à independência do Brasil em relação a Portugal. Tal ruptura, no entanto, não significou impedimento para que pessoas portuguesas continuassem a manter privilégios em relação às pessoas brasileiras, sobretudo às negras, refletindo as dinâmicas racistas que ainda hoje são estruturais e estruturantes das relações raciais no Brasil. Criar e difundir essas piadas indica, segundo o autor, uma atitude de contestação a privilégios, assentada no ressentimento: no caso de pessoas portuguesas abastadas, incomodavam congêneres do Brasil em situação análoga de privilégios; enquanto pessoas brasileiras de extratos sociais identificados com trabalhos pouco remunerados viam, em pessoas portuguesas em mesma situação, concorrentes por postos de trabalho ou pequenos comércios.

Ainda hoje em circulação no Brasil, inclusive sustentando as lógicas dos *memes* identificados na seção anterior, as piadas derogatórias assentam em estereótipos e, enquanto tal, perpetuam visões reducionistas não somente em relação a pessoas,

como também à diversidade cultural portuguesa. A dimensão histórica é essencial à compreensão dessas piadas e das suas consequências:

Mas é preciso entender que as atuais piadas sobre os portugueses têm uma origem política de resistência e revolta populares, e que esse processo, de certa forma, fechou as portas a um reconhecimento do que é Portugal durante o século XX. (Machado, 2018, p. 127)

Se, no século XIX, as piadas derogatórias que denotam xenofobia de pessoas brasileiras relativamente a pessoas portuguesas poderiam se dar em contexto de co-presença, atualmente não mais necessariamente, em função do pequeno número de migrantes de Portugal, comparativamente ao total da população do Brasil⁵. Mas também pelo fato de as piadas circularem independente da presença de uma pessoa portuguesa no ambiente de interação em que são contadas. Aliás, segundo Machado (2018), a origem das piadas teria sido o Rio de Janeiro, que no século XIX concentrava grande número de pessoas originárias de Portugal, mas que, ainda naquele século, começou a se espalhar por todo o território brasileiro.

A manutenção da prática de criar e difundir piadas derogatórias assinala a extensão da xenofobia em termos de abrangência territorial e, na atualidade, além de dificultarem percepções não estereotipadas de pessoas portuguesas e de Portugal por parte de pessoas brasileiras, conforme assinala Machado (2018), também contribuem para a manutenção de tensões que podem ser superadas, de parte a parte. Mas que também, segundo o autor, está em linha com a onda de xenofobia que atinge pessoas refugiadas e migrantes na Europa e em outras partes do mundo.

O que aconteceu no século XIX no Brasil, em termos gerais, não é muito diferente do que acontece agora no começo do século XXI na Europa com relação aos refugiados e imigrantes, ou mesmo em relação ao recente processo de demonização coletiva de um partido político de centro-esquerda pela manipulação de certos ressentimentos e preconceitos correntes na sociedade brasileira. Entender esse processo do antiluitanismo é, portanto, uma forma de entender mecanismos muito persistentes de produção de estereótipos, preconceitos e racismos. (Machado, 2018, pp. 126–127)

Um exemplo paradigmático da extensão e longevidade das piadas derogatórias relativas a pessoas portuguesas é a personagem Manuela D'Além Mar, aluna da *Escolinha do Professor Raimundo*, assim descrita pelo site *Memória Globo*:

de origem portuguesa, tinha um sotaque carregado e atendia com o bordão: “Manuela D'Além Mar, de Trás-os-Montes, sim senhoire!”. Vestida com trajes típicos portugueses, Dona Manuela volta e meia cantava a música “Arrebata”, de Roberto Leal⁶. Berta Loran conta que ganhou de Chico Anysio o papel devido

5 Dados do Vice-Consulado de Portugal em Fortaleza (s.d.) indicam que, de acordo com o censo demográfico brasileiro de 2010, viviam 137 mil pessoas portuguesas no Brasil, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Naquele ano, o Brasil contava com aproximadamente 200 milhões de habitantes.

6 Roberto Leal foi um cantor, ator e apresentador de televisão português radicado no Brasil, com

ao fato de ter morado por seis anos em Portugal e ter facilidade com o sotaque da “terrinha”. (Memória Globo, 2024, para. 6)

O que o texto oficial da emissora Globo não explicita, além das pistas sobre o conjunto de estereótipos na caracterização da personagem, é a natureza depreciativa da nacionalidade portuguesa, pois Manuela foi construída como dotada de pouca inteligência. Aliás, na mesma *Escolinha*, havia duas outras nacionalidades – pessoas turcas e israelitas –, caracterizadas a partir de estereótipos xenófobos; o que se verificava também em relação a pessoas da região Nordeste do Brasil.

Transmitida originalmente nos anos 1990 e no início dos anos 2000, a *Escolinha do Professor Raimundo* ainda é reprisada atualmente em canais de televisão por assinatura, repercutindo a xenofobia presente na caracterização da personagem Manuela D’Além Mar para além do momento de sua criação.

A Xenofobia Cotidiana nos Noticiários

A ideia da colonização de Portugal por parte do Brasil – ou seja, de colonização *reversa* – viera à tona na época em que passou a vigorar o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Carvalho et al., 2014) e voltou a ganhar materialidade no começo de 2025, em diversos *memes* brasileiros de tom xenófobo, como vimos anteriormente, que acabaram repercutindo negativamente no país europeu e causando irritação e indignação, conforme amplamente noticiado, tanto na imprensa portuguesa, quanto na imprensa brasileira. No entanto, os gritos de “reconquista!”, entoados durante manifestação da extrema-direita convocada pelo partido Chega!, realizada em setembro de 2024, em Portugal, levam a crer que algumas pessoas portuguesas creem, de fato, na narrativa de que o país está sendo colonizado por imigrantes, conforme noticiou o portal da revista brasileira *Veja*:

“Estamos enfrentando uma imigração descontrolada. Aqueles que vêm de Marrocos, Síria, Nepal e Índia não estão fugindo de guerras atuais. Se não agirmos, um dia não haverá país que sobreviva”, disse [André] Ventura [líder do Chega!].

Uma manifestação paralela, em defesa dos imigrantes, foi realizada no mesmo dia. Devido à realização simultânea dos protestos, a presença das forças policiais foi reforçada para prevenir possíveis confrontos. No entanto, à medida que os dois grupos se aproximavam, a tensão aumentou e os manifestantes do Chega começaram a entoar gritos de “reconquista”. Duas pessoas foram detidas. (“Convocados Pela Extrema-Direita, Manifestantes Protestam Contra Imigrantes em Portugal”, 2024, para. 3–4)

Há, assim, uma vontade de distinção (Hall, 1990/2013) e uma vontade de fronteira (Mbembe, 2020/2021) por parte de projetos da extrema-direita mundo afora, que

atuação nos dois países, mas especialmente no Brasil, país em que desenvolveu uma longa carreira artística de sucesso, vendendo milhões de discos.

vêm trabalhando em prol do desalinhamento de placas tectônicas, que, se alinhadas, proporcionariam o espaço do comum – conforme a metáfora comunicacional de Muniz Sodré (2014) – e, por isso, de reconhecimento das alteridades e humanidades alheias. Ademais, de acordo com Achille Mbembe (2020/2021),

a política é, por sua vez, uma prática instrumental, um trabalho de montagem, de organização, de dar forma e de redistribuição, incluindo espacial, de conjuntos corpóreos vivos, mas, sobretudo, imateriais. E é no ponto de intersecção entre imaterial, corporalidades e materiais que o brutalismo deve ser situado. (pp. 7–8)

Brutalismo, lembrando, é o estágio do capitalismo marcado pela produção constante de vidas supérfluas (Mbembe, 2020/2021), em processo que tem, nos estereótipos, uma das principais engrenagens. Esses, aliás, costumam aparecer nos discursos da extrema-direita portuguesa, mas também mundial, para justificar as narrativas anti-imigração, conforme depoimento concedido à *DW Brasil* pela pesquisadora Marina Machado, do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, de Portugal: “usam os migrantes como bodes expiatórios e sobrevalorizam os estereótipos ligados à criminalidade, à hipersexualização” (Moura et al., 2025, para. 17).

É comum, por exemplo, a hipersexualização de mulheres cisgênero brasileiras em Portugal⁷, conforme relatam Moura et al. (2025), em reportagem para a *DW Brasil*, na qual entrevistaram a brasileira Priscila Valadão, que vive há 10 anos em terras portuguesas. Dentre outras violências simbólicas que não reproduziremos aqui por motivos éticos, a imigrante brasileira já ouviu, enquanto caminhava na rua, um “volta para a sua terra” de um homem português, expressão representativa da vontade de fronteira do Norte Global na era do brutalismo.

Ofensa semelhante foi ouvida pelo bailarino brasileiro John Kennedy Pereira da Silva, morador da cidade do Porto, em Portugal. Ele fazia uma performance artística em frente à Casa Odara, centro cultural no Porto de apoio a pessoas brasileiras, quando foi agredido simbólica e fisicamente por um homem português que gritava “Portugal é o meu país” e “vai para o teu país” durante o ataque (*Brasileiros Sofrem Violência e Xenofobia em Portugal*, 2024). Maria Gabriela de Carvalho Ribeiro Alves, natural do Brasil e pesquisadora e curadora da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, foi outra vítima dessa agressão. Segundo o site jornalístico brasileiro TV Pampa, ela recebeu cotoveladas, socos e chutes e também teve a humanidade extirpada por ofensa escatológica. De acordo com o site brasileiro Terra,

John compartilhou uma série de stories em seu Instagram, descrevendo as ameaças recebidas pela Casa Odara. “Achei interessante vir contextualizar. Porque é sobre a existência não só minha e da Gabi, mas da Casa Odara e o que representa. Fica nítido no vídeo a ameaça sobre a existência da Casa

7 Para uma discussão sobre representações hipersexualizadas de mulheres cisgênero brasileiras na mídia portuguesa e lastros históricos desse processo, conferir Oliveira et al. (2011).

Odara. Ele [agressor] disse com todas as letras que sabia quem era a gente e que a casa era ilegal. Gabi está desestabilizada. Foi uma descarga do que pensam da nossa existência ali”, relatou. (*Brasileira É Agredida em Portugal e Pedre Proteção à Polícia: ‘Estou Tremendo Até Agora’*, 2024, para. 10)

Ser uma pessoa portuguesa equivale, assim, a não ser uma pessoa brasileira. E vice-versa. Um “nós” constituído a partir de um processo de outrificação de uma pessoa ou de um grupo de pessoas – *elas* – que tende a desembocar na desumanização pela violência simbólica e, não raro, pela violência física, quando não em assassinatos e genocídios legitimados pela produção incessante de vidas supérfluas (Mbembe, 2020/2021). Eis, portanto, a vontade de fronteira de um mundo em combustão, que assiste ao renascimento de antigos processos, “começando pela corrida a uma nova partição da Terra” (Mbembe, 2020/2021, p. 24).

Considerações Finais

A xenofobia de pessoas brasileiras para com portuguesas, e vice-versa, tem, assim, um aspecto comunicacional, pois relacional e de reversibilidade, no qual reverberam processos históricos que conferem um caráter cumulativo a esse ódio outrificante. De um lado, o do Brasil, existe o amargar de quatro séculos de uma colonização portuguesa violenta e saqueadora, que dizimou povos originários e exauriu recursos naturais; do outro lado, o de Portugal, a lida com narrativas brasileiras sobre suposta colonização reversa que, apresentadas como *brincadeiras* e como *humorísticas*, reproduzem engrenagens hierarquizantes, desumanizadoras e de reafirmação das fronteiras simbólicas e geopolíticas. O diálogo, o respeito mútuo, a convivência e a possibilidade de criação do em comum (Mbembe, 2020/2021; Sodré, 2014) ficam, dessa maneira, cada vez mais distantes.

Agradecimentos

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Referências

- Agência para a Integração, Migrações e Asilo. (2024). *Relatório de migrações e asilo 2023*. <https://aima.gov.pt/pt/noticias/aima-publica-relatorio-de-migracoes-e-asilo-2023>
- Albuquerque, D. M., Jr. (2016). *Xenofobia: Medo e rejeição ao estrangeiro*. Cortez.
- Araujo, C. L., & Gois, F. D. (2022). Humor racista: Uma revisão sistemática de estudos. *Cadernos de Psicologia*, 2(1), 1–13.
- Barbosa, M. V. (2023). Risos adoecidos: O racismo recreativo e o efeito de não lugar das personagens de Grande Otelo. *Revista Relicário*, 10(19), 78–90.

- Brasileira é agredida em Portugal e pede proteção à polícia: 'Estou tremendo até agora'.* (2024, 25 de setembro). Terra. https://www.terra.com.br/noticias/mundo/brasileira-e-agredida-em-portugal-e-pede-protexao-a-policia-estou-tremendo-ate-agora,e3414c0704165b8fa4f28cb58f9ba74bsxe851b1.html?utm_source=clipboard
- Brasileiros sofrem violência e xenofobia em Portugal.* (2024, 24 de setembro). TV Pampa. <https://www.tvpampa.com.br/brasileiros-sofrem-violencia-e-xenofobia-em-portugal/>
- Braun, J. (2024, 2 de abril). *Portugueses falando 'brasileiro'? Como variante usada no Brasil influencia em Portugal.* BBC Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c6pkzze6484o>
- Cabecinhas, R. (2008). Racismo e xenofobia: A actualidade de uma velha questão. *Comunicación e Cidadanía*, 2, 163-182. <https://hdl.handle.net/1822/9639>
- Cardim, G. H. de P. (2025, 10 de junho). Guiana Brasileira e a Faixa de Gajos: A geopolítica por trás das guerras de mèmes. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/artigos/guiana-brasileira-e-a-faixa-de-gajos-a-geopolitica-por-tras-das-guerras-de-memes/>
- Carvalho, M., Cabecinhas, R., & Magalhães, L. (2014). (Des)acordo ortográfico em foco: Representações sociais de estudantes brasileiros e portugueses. In M. de L. Martins, R. Cabecinhas, L. Macedo, & I. Macedo (Eds.), *Interfaces da lusofonia*. (pp. 152-166). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <https://hdl.handle.net/1822/29768>
- Chelius, L. C. (2021). La sutil xenofobia que negamos. El caso de México. In L. Nejamkis, L. Conti, & M. Aksakal (Eds.), *(Re)pensando el vinculo entre migración y crisis: Perspectivas desde América Latina y Europa* (pp. 279-300). CLACSO.
- Convocados pela extrema-direita, manifestantes protestam contra imigrantes em Portugal.* (2024, 30 de setembro). Veja. https://veja.abril.com.br/mundo/convocados-pela-extrema-direita-manifestantes-protestam-contra-imigrantes-em-portugal/#google_vignette.
- Corsini, C. (2025, 23 de abril). *Guiana Brasileira e Porto de Gajinhas: Como surgiu o meme que zoa Portugal.* UOL. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/04/23/guiana-brasileira-portugal-vira-porto-de-gajinhas-e-meme-irrita-lusos.htm>
- Hall, S. (2013). *Da diáspora: Identidade e mediações culturais* (L. Sovik, Trad.). Editora da UFMG. (Trabalho original publicado em 1990)
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41.
- Machado, I. J. R. (2018). Ressentimentos e estereótipos: Ensaio sobre as representações a respeito do português no Brasil (século XIX). *Topoi*, 19(37), 125-143. <https://doi.org/10.1590/2237-101X0193706>
- Maurício, E. (2023, 6 de dezembro). *Os reflexos da onda de xenofobia contra brasileiros em Portugal.* Observador. <https://observador.pt/opiniao/os-reflexos-da-onda-de-xenofobia-contra-brasileiros-em-portugal/>
- Mbembe, A. (2021). *Brutalismo* (M. Lança, Trad.). Antígona. (Trabalho original publicado em 2020)
- Memória Globo. (2021). *Escolinha do Professor Raimundo.* Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/escolinha-do-professor-raimundo/noticia/escolinha-do-professor-raimundo.ghtml>
- Memória Globo. (2024). *Escolinha do Professor Raimundo: Personagens.* Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/escolinha-do-professor-raimundo/noticia/personagens.ghtml>
- Moura, J., Cancilieri, M., & Melo, T. (2025, 15 de abril). O cotidiano de xenofobia contra brasileiros em Portugal. *DW Brasil*. <https://www.dw.com/pt-br/volta-para-sua-terra-o-cotidiano-de-intoler%C3%A2ncia-contra-brasileiros-em-portugal/a-72247804>

Oliveira, F., Cabecinhas, R., & Ferin-Cunha, I. (2011, 3-5 de agosto). *Retratos da mulher brasileira nas revistas portuguesas* [Apresentação de comunicação]. 7º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, Bahia.

"Ordem e bacalhau": Memes que se referem a Portugal como "Guiana Brasileira" geram revolta e reacendem debate sobre xenofobia. (2025, 22 de abril). Executive Digest. <https://executivedigest.sapo.pt/noticias/ordem-e-bacalhau-memes-que-se-referem-a-portugal-como-guiana-brasileira-geram-revolta-e-reacendem-debate-sobre-xenofobia/>

Quijano, A. (2009). Colonialidade do poder e classificação social. In B. S. Santos & M. P. Meneses (Eds.), *Epistemologias do Sul* (pp. 73-117). Edições Almedina.

Rafael Polêmico. (s.d.). #PrimeiraGuerraMemeal. #MuseudeMemes. Retirado a 18 de janeiro de 2025, de <https://museudememes.com.br/collection/primeiraguerramemeal>

Reyes, F. J. O. (2023). Xenofobia memética: Un breve análisis de memes de internet con mensajes discriminatorios alrededor de la migración venezolana y nicaragüense en Costa Rica. *Anuario de Investigación de la Comunicación CONEICC*, (XXX), 1-51.

Ribeiro, J., & Pereira, T. A. C. (2019). Discurso anti-imigrante e emergência de "nova direita" na crise do contemporâneo político. *Revista Heterotópica*, 1(2), 33-57. <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n2-2019-49911>

Sodré, M. (2014). *A ciência do comum: Notas para o método comunicacional*. Vozes.

Vice-Consulado de Portugal em Fortaleza. (s.d.). *Comunidades Portuguesas*. Retirado em 12 de outubro de 2025, de <https://fortaleza.consuladoporugal.mne.gov.pt/pt/portugal-no-brasil/comunidades-portuguesas>